A PEDAGOGIA TRADICIONAL E O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA

RENATA ZEFERINO DA SILVA SANTIAGO

RESUMO

Este trabalho a respeito da pedagogia tradicional e o ensino-aprendizagem da leitura propõe uma reflexão sobre a leitura e suas dificuldades, bem como, os desafios da psicopedagogia, levando em consideração a dificuldades e transtornos de aprendizagem. Procurou-se abordar neste estudo, a importância da formação de alunos capazes de transitar pelo universo da escrita e da leitura com desenvoltura e assim, serem leitores autônomos e críticos. Dessa maneira, o educador precisa estar atento para não assumir uma postura baseada numa pedagogia tradicional, para que as aulas de leitura não produzam efeitos inversos reduzindo o leitor à condição de mero codificador de palavras ou frases sem habilidades de compreensão e expressão.

Palavras-chave: Leitura; Dificuldades; Aprendizagens.

ABSTRACT

This work about traditional pedagogy and the teaching-learning of reading proposes a reflection on reading and its difficulties, as well as the challenges of psychopedagogy, taking into account learning difficulties and disorders. We sought to address in this study, the importance of training students able to move through the universe of writing and reading with ease and thus, be independent and critical readers. Thus, the educator needs to be careful not to assume a posture based on a traditional pedagogy, so that reading classes do not produce inverse effects, reducing the reader to the condition of a mere coder of words or sentences without comprehension and expression skills.

Keywords: Reading; Difficulties; Learnings.

INTRODUÇÃO

A instituição escolar de maneira geral trabalha com texto que prepara o educando para ler e escrever narrações, dissertações, descrições e cartas. Ele é treinado para reproduzir textos modeladores, com regras fixas preestabelecidas e numa linguagem escolar distante da realidade. Esse trabalho na pedagogia tradicional, geralmente leva o aluno a decodificar sem compreender e escrever sem expressividade.

Este estudo justifica-se pela importância da reflexão e compreensão da pedagogia tradicional em relação à leitura como facilitador do ensinoaprendizagem. A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica de especialistas nesta área, seminários, artigos e dissertações que abordam esta temática.

Dessa maneira, no presente estudo serão abordados alguns aspectos relacionados à leitura e suas dificuldades, tendo como base as afirmações de Paulo Freire (2009) que enfatiza que quando a criança chega à escola, já é um bom leitor do mundo, assim, sendo necessário repensar a pedagogia tradicional.

Vale ressaltar, que muitas dificuldades podem se fazer presente no espaço escolar, seja por uma metodologia inadequada, problemas de conduta e afetivos em sala de aula, a forma como o estudante encara e se relaciona com a aprendizagem, família, desorganização, excesso de atividades extracurriculares, nível de exigência, separações, problemas socioculturais, efeitos colaterais de medicações que causam sonolência ou hiperatividade, diminuindo a atenção dos estudantes, problemas emocionais, em crianças cujos déficits de aprendizagem não se devem a problemas cognitivos, ou seja, um conjunto de fatores que precisam ser prontamente observados por profissionais especializados a fim de contribuir na busca de soluções para que os alunos possam avançar nos estudos e consequentemente nas aprendizagens significativas.

Nesse sentido, muitos são os desafios da psicopedagogia em relação as dificuldades e transtornos de aprendizagem, porém, com a colaboração de profissionais especializados a partir da pré-escola as dificuldades de aprendizagem podem ser diagnosticadas minimizando suas consequências.

Pode ser evitada se o desenvolvimento cognitivo for respeitado e permitindo que o aluno possa interagir com o conhecimento: observando, classificando, categorizando, analisando, sintetizando, deduzindo, generalizando, compreendendo.

Enfim, a sala de aula é o local de aprendizado por excelência e precisa ser vista como um espaço para exercício da autonomia na aprendizagem.

A LEITURA E SUAS DIFICULDADES

O ensino e a aprendizagem da leitura estão atrelados com a concepção de leitura tida pela escola. Tradicionalmente, acredita-se que se ensina do simples para o composto e que ler expressa atingir equivalência entre os fonemas e os signos.

Como afirma Antunes (2003), o trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem diálogo com o texto. Quando a leitura é utilizada, serve de pretexto para atividades metalinguísticas ou

finalidades meramente avaliativas.

Para Kleiman (2004) citada por Duarte & Werneck (2007) existem duas concepções de texto e de leitura que se perpetuam ainda hoje nas escolas. Ou o texto é visto como repositório de mensagens e informações ou é visto como um conjunto de elementos gramaticais.

A fruição e o prazer estão excluídos. A escola, reproduzindo o sistema e preparando para ele, excluir qualquer atividade não rendosa: lê-se um romance para preencher uma famigerada ficha de leitura, para se fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre da recuperação. (2004, p. 97).

Completa ainda Geraldi (2004), que a leitura não pode ser uma apologia da dureza, da insensibilidade, da frieza, repressão e do medo. Ler não pode ser: castigo, desprazer, sacrifício ou ensino mecânico, totalmente distante do lúdico, das práticas sociais, da construção do saber.

A instituição escolar de maneira geral trabalha com texto que prepara o educando para ler e escrever narrações, dissertações, descrições e cartas. Ele é treinado para reproduzir textos modeladores, com regras fixas preestabelecidas e numa linguagem escolar distante da realidade. Esse trabalho na pedagogia tradicional, geralmente leva o aluno a decodificar sem compreender e escrever sem expressividade.

O aprendiz não é um objeto nas mãos do educador. É o que Freire chama de "educação bancaria", ou seja, o educando, ao receber passivamente os conhecimentos, torna-se um depósito do educador. "Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção". (FREIRE, 2009, p. 52).

Quando a criança chega à escola, já é um bom leitor do mundo. Desde muito nova, começa a observar antecipar, a interpretar e a interagir dando significados aos seres, objetos e situações que a rodeiam. (FREIRE, 2009).

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de "escrevê-lo" de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Discutir e repensar a pedagogia tradicional, onde o professor é a figura central, sendo visto como um transmissor de informações e que o maior desafio é ensinar a ler e escrever é imprescindível considerar o ponto de vista de Freire (2009, p. 25).

Ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinaraprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 2009, p. 24).

Educação, para Freire, é um ato político não neutro. Está a serviço de classes. Freire apresenta um método que também está a serviço de um compromisso: o compromisso de uma sociedade igualitária em detrimento da hegemônica sociedade de oprimidos.

A educação é uma arma. Não é a arma definitiva para a transição da sociedade. Freire (2009) admite isso. Somente a educação não libertará a sociedade. Contudo cabe a ela um importante papel: o da conscientização para a mudança.

Tendo como objetivos formar o leitor autônomo e crítico, desenvolver seu prazer pelo ato de ler e ampliar seu horizonte cultural, formar alunos capazes de transitar pelo universo da escrita e da leitura com desenvoltura que nossos tempos requerem, o educador precisa estar atento para não assumir uma postura superior e intransigente, para que as aulas de leitura não produzam efeitos inversos reduzindo o leitor à condição de mero codificador de palavras ou frases sem habilidades de compreensão e expressão e o escritor a um produtor de estruturas modelares.

Lembrado sempre que o aluno é um leitor- aprendiz, sobretudo, é fundamental não perder de vista a natural dificuldade para reverter e fundamentar uma prática de ensino-aprendizagem visando sempre o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que tenha como lema principal o letramento.

As crianças iniciantes no processo do letramento se dividem em 4 categorias segundo Zorzi (2004).

1. Crianças com oportunidades e acesso à língua escrita (apresentam maiores chances do sucesso escolar).

2. Escolares que apesar das possibilidades educacionais, não atingiram os objetivos por questões de interesse.

3. Falta de oportunidades educacionais devido a condições socioeconômicas desfavoráveis. "Tais crianças tendem a ser taxadas como portadoras de distúrbios de aprendizagem. Estamos, na realidade, diante do que podemos chamar de pseudodistúrbios". (ZORZI, 2004, p. 12).

4. Escolares que apresentam dificuldades reais de aprendizagem. (Apostila UNOPAR)

De acordo com Ladeia (2002), grande parte de alunos, pais e professores da 5ª série (6º ano) costumam atribuir o fracasso escolar ao próprio aluno.

Charlot (2005) levanta a questão da prática pedagógica. A autora relata que é comum o professor atribuir o fracasso escolar a outros fatores e não ao trabalho pedagógico.

É muito importante lembrar que, a estrutura de nossas instituições de ensino precisa ser profundamente modificada. A sala de aula, o local de aprendizado por excelência, precisa ser vista como um espaço para exercício da autonomia na aprendizagem, e não de transmissão de conteúdos, pois o que importa na Educação Básica não é a quantidade de informações, mas a capacidade de lidar com elas, através de processos que impliquem sua apropriação, comunicação produção e reconstrução. Ensinar os educandos a apreender conteúdos, formar suas convicções e esboçar soluções, este é o grande desafio do século XXI.

Apresentando-se nos momentos iniciais de aprendizagem da leitura e da escrita a dislexia é uma dificuldade específica nos processamentos da linguagem para reconhecer, reproduzir, identificar, associar e ordenar os sons e as formas das letras, organizando-as corretamente.

Segundo Dockrell e Mcshane (2000) a leitura consiste em um complexo conjunto de habilidades que incluem reconhecimentos de palavras impressas, determinação do significado de palavras e frases e coordenação dos significados dentro do contexto geral do tema.

Esses processos operam em diferentes níveis de representação, incluindo letras, frases, sentenças e unidades maiores de texto. Dockrell e Mcshane (2000) afirmam ainda que as dificuldades envolvam a incapacidade de reconhecer ou compreender o material escrito, o reconhecimento é mais básico nesses processos, e as dificuldades de compreensão, em geral, não estão no nível de sentenças e frases, ou a integração dentro das frases. As dificuldades de leitura impedem o progresso educacional em várias áreas porque a leitura é a via de acesso para uma grande variedade de informações.

Conforme as palavras de Dockrell e Mcshane (2000), as dificuldades de leitura acontecem na discrepância entre a idade para leitura e a idade cronológica. Por meio de estudos foi constatado que há defasagem de dois anos entre idade para leitura e idade cronológica, pelo teste Wide Range Achievement Test, Gades mostrou que se subtrairmos 2 anos do nível de leitura de crianças de 6 anos, menos de 1% da população será considerada portadora de uma dificuldade de leitura; aos 7 anos, a proporção aumenta para 2% e assim progressivamente até os 19 anos, quando 25% seriam considerados portadores de dificuldade de leitura.

Há medidas que comparam a idade para a leitura com a idade mental ou medem a discrepância entre os escores de leitura previstos com base no QI com outros escores obtidos, permitindo efeitos da regressão (RUTTER & YULE, 1975 apud FONSECA, 1999).

As diferenças entre critérios, medidas e populações, apresentam diversas variações na prevalência das dificuldades de leitura. O estudo mais abrangente sobre a prevalência das dificuldades de leitura foi realizado por Rutter e colaboradores (1970) na ilha de Wight, com toda população de 9 a11 anos. O estudo concluiu que 6,6% eram de "leitores atrasados" definido como escore no teste Neale Analysis of Reading Ability com 28 meses ou mais, abaixo da idade cronológica sobre precisão ou compreensão. Eles constataram que a vasta maioria, (88%) dos casos, era de leitores atrasados, que apresentavam discrepâncias entre a idade cronológica e a idade para leitura.

Velluti (1979) citado por Dockrell e Mcshane (2000) apresenta uma lista de critérios que elimina várias crianças que apresentam dificuldades em aprender a ler, porém não são disléxicas. Este diagnóstico de exclusão elimina várias crianças de serem consideradas disléxicas.

A lista de critérios é:

- Um QI de 90 ou acima nas escalas verbais ou de desempenho do teste Wechsler Intelligence Scale for Children;
- Visão e audição adequada;
- Ausência de deficiências neurológicas ou físicas graves;
- Ausência de problemas sociais ou emocionais significativos;
- Padrão socioeconômico favorecido;
- Oportunidades adequadas para aprender a ler.

Os "leitores atrasados" embora apresentem problemas cognitivos, porque as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo de cada um são diferentes. Estes leitores não são considerados disléxos.

Para Dockrell e Mcshane (2000, p. 89) o conceito de dislexia implica a existência de uma síndrome de comportamentos que distingue a dislexia dos outros tipos de dificuldades de leitura além de conferir a ideia de que se trata de uma síndrome de origem genética.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) a Dislexia é definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, e é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Pesquisas realizadas em vários países mostram que entre 05% e 17% da população mundial é disléxica.

Seguindo a divisão feita por Jardini (2003), a dislexia faz parte do grupo de Distúrbios de Aprendizagem, com características próprias e peculiares e que pode também ser chamada de Distúrbio Específico da Leitura e da Escrita.

Capovilla (2010) ressalta que o fator ambiental que influencia a dislexia é o tipo de instrução para a alfabetização que a criança recebe. Para a autora são dois métodos de alfabetização especialmente indicados para os indivíduos disléxos: o método multissensorial e o método fônico.

Nas crianças disléxicas, os canais da visão, audição, fala e sinestésicomotor, não estão integrados entre codificação e decodificação dos estímulos. Por isso, nos métodos de alfabetização para crianças disléxicas, prevalecem, a elaboração da diversidade metodológica e o estímulo a todos os canais, sensorial e motores, para que sejam adequados e organizados para a aquisição e desenvolvimento da linguagem falada e escrita.

Priorizando o desenvolvimento e inclusão do educando como principal meta, já que o ser humano é ser de múltiplas dimensões e que aprende em tempos e ritmos diferentes, e também, o seu desenvolvimento é um processo contínuo que se desenvolve na escola comprometida com a aprendizagem inclusiva, que respeita as características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas, considerando o desenvolvimento e aprendizagem.

Zorzi (2004) destaca as seguintes dificuldades quanto ao domínio da leitura:

- Emprego de estratégias inadequadas de interação com o texto (leitura acentuadamente dedutiva procurando adivinhar o que está escrito; leitura estritamente limitada ao sentido literal das palavras).
- Conhecimento elementar das relações entre sons e letras. Falta de compreensão ou de domínio do sistema ortográfico.
- Desconhecimento ou pouca familiaridade com os símbolos gráficos, o que provoca dificuldades de reconhecimento e diferenciação entre eles.
- Falta de fluência. Velocidade na leitura (lenta ou rápida).
- Não compreensão ou desconhecimento do sistema de pontuação e seu papel na estrutura do texto. Falhas na compreensão.
- Dificuldade na organização espacial do texto, e emprego de pontuação. Dificuldade na construção de narrativas (ausência de clareza e coerência, dificuldade de explorar um tema, limitações de ordem gramatical).
- Não conhecimento ou domínio elementar dos estilos próprios da escrita.

DESAFIOS DA PSICOPEDAGOGIA: DIFICULDADES E TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Segundo afirmações da professora Quézia Bombonatto (2006) as dificuldades de aprendizagem não interferem apenas no processo escolar, mas prejudicam também a aquisição das diferentes habilidades indispensáveis à vida diária, como aqueles domínios que levam as crianças a desenvolverem sua autonomia social.

As dificuldades na aprendizagem: podem gerar problemas emocionais, comportamentais, familiares e sociais em diferentes graus de gravidade. A concepção do termo relacionada às questões psicopedagógicas e/ou socioculturais não é centrada exclusivamente no aluno. Diz respeito ao desempenho que não é compatível com a capacidade cognitiva do indivíduo.

Além da dificuldade esperada no processo de aquisição da aprendizagem, ainda depara-se geralmente, com um aluno resistente ao esforço de quem se propõe a ajudá-lo a superar a baixa autoestima, que se manifesta através de uma conjuntura de fatores e conflitos de conduta e afetividade.

Há ainda problemas como: espaço escolar, metodologia inadequada, problemas de conduta e afetivos em sala de aula, a forma como o estudante encara e se relaciona com a aprendizagem, família, desorganização, excesso de atividades extracurriculares, nível de exigência, separações, problemas socioculturais, efeitos colaterais de medicações que causam sonolência ou hiperatividade, diminuindo a atenção do aprendente, problemas emocionais, em crianças cujos déficits de aprendizagem não se devem a problemas cognitivos.

O problema de aprendizagem é compreendido como uma forma peculiar e complexa de comportamentos que não se devem necessariamente a fatores orgânicos e por isso mais facilmente removíveis (CIASCA, 2003).

Com a colaboração de profissionais especializados a partir da pré-escola as dificuldades de aprendizagem podem ser diagnosticadas minimizando suas consequências. Pode ser evitada se o desenvolvimento cognitivo for respeitado e permitindo que o aprendente possa interagir com o conhecimento: observando, classificando, categorizando, analisando, sintetizando, deduzindo, generalizando, compreendendo.

Para Pain (1985) a aprendizagem contribui para a integração do ego, estando assim, relacionada com o desenvolvimento psicológico, que leva à capacidade de interação e à adaptação do sujeito à realidade: Processo que sofre influência de fatores individuais e ambientais.

Já para Souza (2012) a autoestima de uma criança está relacionada com a sua aprendizagem, uma vez que é por meio de seus sucessos e fracassos neste âmbito, que durante a sua infância ocupa a maior parte de sua vida, que ele vai formando o seu autoconceito, ou seja, o desenvolvimento na relação da criança com outras pessoas significativas de sua vida, de modo que o professor e os colegas exercem assim um importante papel neste desenvolvimento.

Contudo, o que se verifica no caso do aprendente com dificuldades de aprendizagem é a multiplicidade de conceitos negativos, pois os professores, frequentemente, o julgam como inúteis e incapazes, seus colegas o zombam e ironizam pelos mesmos motivos, e seus pais, cansados das constantes idas à escola e das reclamações, também o depreciam, e muitas vezes até castigam por sua dificuldade de aprendizagem.

E é exatamente isto que nos mostra Stevanato et al.(2003) em sua pesquisa sobre o autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem, que apresentam uma imagem muito negativa de si mesmas, mais do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem, além de receberem feedback negativo do ambiente em relação à aprendizagem, estas crianças também o recebem à respeito de sua conduta.

Ao receber tantas críticas e punições a criança pode se rebelar contra elas, demonstrando comportamentos agressivos e antissociais que são alvo de muito mais críticas e repreensões. Sofrendo mais críticas, seu comportamento piora ainda mais, entrando num ciclo vicioso, que pode culminar na adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição escolar de maneira geral trabalha com texto que prepara o educando para ler e escrever narrações, dissertações, descrições e cartas. Ele é treinado para reproduzir textos modeladores, com regras fixas preestabelecidas e numa linguagem escolar distante da realidade. Esse trabalho na pedagogia tradicional, geralmente leva o aluno a decodificar sem compreender e escrever sem expressividade.

Dessa maneira, é essa pedagogia tradicional que precisa ser repensada, para que haja aprendizagens com sentido para os alunos.

A Psicopedagogia trabalha exclusivamente com a aprendizagem do ser humano, sendo reintegrativa quando seu foco é mais curativo, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de pensar por si próprio, construindo assim o seu caminho e a sua história.

É construtiva quando no sentido de ser mais preventiva auxilia na identificação de desenvolver habilidades, competências, melhorar o raciocínio, a criatividade, a observação e percepção, a reflexão a flexibilidade, a tolerância, a intuição, promovendo a qualidade do relacionamento interpessoal e intrapessoal, trabalha com questões relacionadas estritamente à maneira de como a pessoa aprende e ensina, envolvendo, necessariamente, a inteligência cognição e o desejo afetividade.

Tem como objetivo possibilitar que as pessoas possam se conhecer melhor, conhecer a própria realidade em que estão inseridas e podem vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando, e sendo transformado por essa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. Aula de Português: Encontro e Interação. São Paulo: Parábola, 2003.

CAPOVILLA, A. G. S. Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção. Artigo. Disponível em: http://www.abpp.com.br/artigos/59.htm. Acesso em: 13/Ago./2014.

CIASCA S M. (Org.) Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

DOCKRELL, J; MCSHANE, J. Crianças com dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FONSECA, V. Insucesso escolar - abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem. Lisboa: Ancora 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa – 39. ed. São Paulo:- Paz e Terra, 2009.

JARDINI, R; S. R. Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita: fundamentação teórica, livro 1.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LADEIA, C. R. O fracasso escolar na 5ª série noturna na visão de alunos, pais e professores. Tese de Doutorado. Faculdade de. Educação, Unicamp, 2002.

SOUZA, M. R. S. Auto-estima. em: <HTTP:/www.saudevidaonlaine.com.br/artigo 57. htm>. Acesso em: 06/05/2012.

STEVANATO, I. S. et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./2003.

ZORZI, J. L. Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLEIMAN, A. B. Leitura: Ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes, 2004.